

HOMENAGEM À PROFESSORA ENI DE MESQUITA SAMARA

**Igor Renato Machado de Lima*

Habitualmente, às terças-feiras, a professora Eni reunia a mim e aos demais orientandos em sua sala para escrevermos juntos. Discutíamos os temas de pesquisa, ela perguntava a respeito dos dados levantados e, sempre que possível, trocava informações sobre a bibliografia especializada. Dessa maneira, os alunos conviviam com os trabalhos cotidianos da professora na Universidade de São Paulo.

Na vida acadêmica, a professora articulava as três linhas de atividades: pesquisas, docência e vida administrativa. Nas pesquisas, enfocava os temas brasileiros, mantendo contato com outros pesquisadores no exterior. Para isso, viajava constantemente para apresentação de textos e, quando retornava, contava as novidades regadas a um cafezinho e bolo no meio da tarde.

Além disso, a professora constantemente arrumava trabalho de pesquisa para os alunos de graduação ou pós-graduandos em alguma instituição da universidade, como na Escola Politécnica e na FUVEST. Nesses trabalhos, procurávamos fontes, organizávamos os materiais e realizávamos entrevistas. Ela nos aconselhava a colocar a mão na massa. Como resultado, eram escritos livros que tratavam da história dos personagens destas instituições.

As pesquisas no Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL) e nas instituições da universidade faziam com que os alunos adquirissem interesse e foco nas atividades acadêmicas e acabassem mantendo um cotidiano de trabalho intenso e, dessa forma, conseguíssemos sempre entregar os livros dentro do prazo e com tranquilidade. Com esse cotidiano de estudo, acabávamos também organizando o nosso tempo pessoal.

Na pós-graduação, os cursos sobre projetos eram os prediletos da professora. Ela exigia sempre objetividade, síntese e clareza nos textos. Explicava que tínhamos que demonstrar aos pareceristas que o projeto era factível. O curso fazia sucesso, pois fornecia a estrutura e realizava a crítica aos projetos, aos relatórios e até mesmo às nossas dissertações e teses.

Assim, sempre incentivava a busca por novas pesquisas documentais e bibliográficas. A professora demonstrava que, na História, a pesquisa não acabava. Os orientandos, de certa forma, continuavam e ainda continuam o seu trabalho, ao pesquisarem nos arquivos, escreverem, publicarem e até mesmo orientarem como novos professores.

Mas, apesar da necessidade de pesquisar, demonstrou ainda que podemos controlar o tempo para outras esferas da vida, como exercícios físicos, cuidar da saúde, passeios, viagens, aulas de ikebana, visitas a lojas. “Na vida há tempo para tudo”, dizia ela com frequência.

No momento certo da orientação, a professora *puxava a nossa orelha*, elogiava nosso trabalho, lia em conjunto os nossos textos – mesmo eles não estando lá essas maravilhas – e nos estendia a mão quando precisávamos de ajuda. Além disso, estimulava-nos a pesquisar e a escrever para que conseguíssemos caminhar sozinhos.

No CEDHAL, gostava de, todo final de ano, chamar-nos para um lanche de confraternização. Nele, fazia as projeções para o próximo ano, organizava as nossas férias e as dela. Geralmente, gostava de ficar uns dias no Guarujá para *recarregar as baterias*.

De volta ao trabalho, ficava animada, pois o gosto ao levantamento de dados e à pesquisa, assim como o cuidado com o CEDHAL era constante. “Não sei fazer outra coisa”, afirmou,

* Orientando de iniciação científica, mestrado e doutorado da professora Eni de Mesquita Samara no Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL) da FFLCH-USP entre 1997 e 2011.

quando levantou a hipótese de se aposentar. E acabou não se aposentando.

Com relação à pesquisa, a professora organizava, incluindo o tempo, o espaço de trabalho. Não gostava de algo fora do lugar e pedia para arrumarmos a mesa, o armário e estar com o texto pronto dias antes da data de entrega. Por isso, acostumamo-nos à maior pontualidade possível nas entregas de artigos, teses e dissertações.

Dentre os temas prediletos da professora, estava a História da Família, sob a influência de Gilberto Freyre, a História das Mulheres e as relações de gênero. Apesar de orientar na área de História Econômica, analisando a população, o trabalho escravo e livre pobre, assim como os patrimônios das mulheres, a professora tinha um carinho especial pela vida religiosa. Desse último tema, apresentava-nos a Sor Juana Inés de La Cruz. Essa última era uma monja escritora mexicana do período colonial, que se vestia com lindos adornos para adorar a Deus e a Cristo.

Claro honor de las mujeres
y del hombre docto ultraje,
vos probáis que no es el sexo
de la inteligencia parte.

... de immensas joyas
Compuso mi adorno.
Vistome con ropas
tejidas com oro,
y con corona
me honro como Esposo,
Lo que he deseado
ya lo ven mis ojos,
y lo que esperaba
ya feliz lo gozo.

Si la flor delicada,
si la peña, que altiva no consciente
del tiempo ser hollada,
ambas me imitan, aunque variamente,
ya con fragilidad, ya con dureza,
mi dicha aquélla y ésta mi firmeza.

(Sor Juana Inés de La Cruz)

Desse modo, a professora Eni era apaixonada pelas imagens das monjas, santas e santos barrocos e incluía no curso, principalmente na graduação, a abordagem das estatuárias das igrejas mineiras do século XVIII.

No cotidiano da vida acadêmica, a professora vivia com intensidade e ânimo. Mesmo nos momentos mais delicados nos últimos anos, não era de lamentar-se. Pelo contrário, cobrava dos alunos que enfrentassem as situações adversas da vida com força e dedicação. Certa vez, quando uma aluna teve um pequeno surto, disse enfaticamente: “Eu não admito você ficar desse jeito. Eu estou morrendo, mas estou de pé”.

Anos depois, quando tive que ficar de cama por problemas de saúde, lembrei-me da frase da professora. Estava enfermo quando ela me ligou. Fiquei envergonhado e finalmente levantei-me. Fui vê-la em sua casa. Ela exigia que continuássemos trabalhando. Foi assim que consegui terminar o trabalho. Terminamos a conclusão da minha tese no sofá da sua casa: eu,

meio quebrado; a gata Lili, doente; e a professora, alegre, sem lamentar os problemas da vida.

Mesmo doente, a professora continuava a se arrumar, a exercitar-se e a dirigir. Afirmava com bom humor: “Vou para a universidade cada dia mais arrumada. Estou doente, mas não vou ficar em casa esperando o pior”. E não reclamava de dor ou dos problemas físicos. Era uma pessoa frágil, mas não fraca. “Não sou de vidro”, comentou certa vez. Apesar da fragilidade física, conseguia muitas vezes deixar os alunos e colegas admirados com a sua força de vontade e coragem.

Éramos nós que precisávamos de sua ajuda para resolver alguns dos problemas cotidianos enfrentados na vida acadêmica. Para a professora, as questões mais complexas eram resolvidas das maneiras mais simples e práticas, sem perda de tempo. O tempo lhe era precioso. Ela não gostava de perdê-lo, pois sempre chegava mais cedo nos encontros.

Assim, organizando o tempo da vida da melhor maneira possível, continuamos o trabalho no CEDHAL e o nosso individual, apesar da saudade que temos da professora Eni. Era isso que ela desejaria que fizéssemos. Mas o nosso mundo, com a sua ausência, fica mais triste, menos charmoso e mais desencantado.